

JESÚS RAFAEL SOTO NAS BIENAS INTERNACIONAIS DE SÃO PAULO

Autores: Gabriela Cristina Lodo (gaby_lodo@hotmail.com) e

Maria de Fátima Morethy Couto (mfmcouto@iar.unicamp.br)

Unidade: INSTITUTO DE ARTES/ UNICAMP

Agência Financiadora: Fapesp

Palavras-chave: Arte Cinética – Bienal Internacional de São Paulo – Arte Brasileira

Introdução:

A pesquisa consiste em estudar a recepção das obras dos artista venezuelano Jesús Rafael Soto (1923-2005) no Brasil. Para tanto, analisaremos os trabalhos de sua autoria que figuraram em seis edições da Bienal Internacional de São Paulo, realizadas nos seguintes anos: 1957, 1959, 1963, 1994, 1996, 1998. Através dessa análise, pretende-se discutir o desenvolvimento da produção pessoal do artista, as características principais do movimento ao qual ele pertenceu, a arte Cinética, e a possível relação de seu trabalho com o de outros artistas brasileiros do mesmo período, mesmo não havendo entre os nossos artistas adesões explícitas a esse movimento.



Esfera, 1994



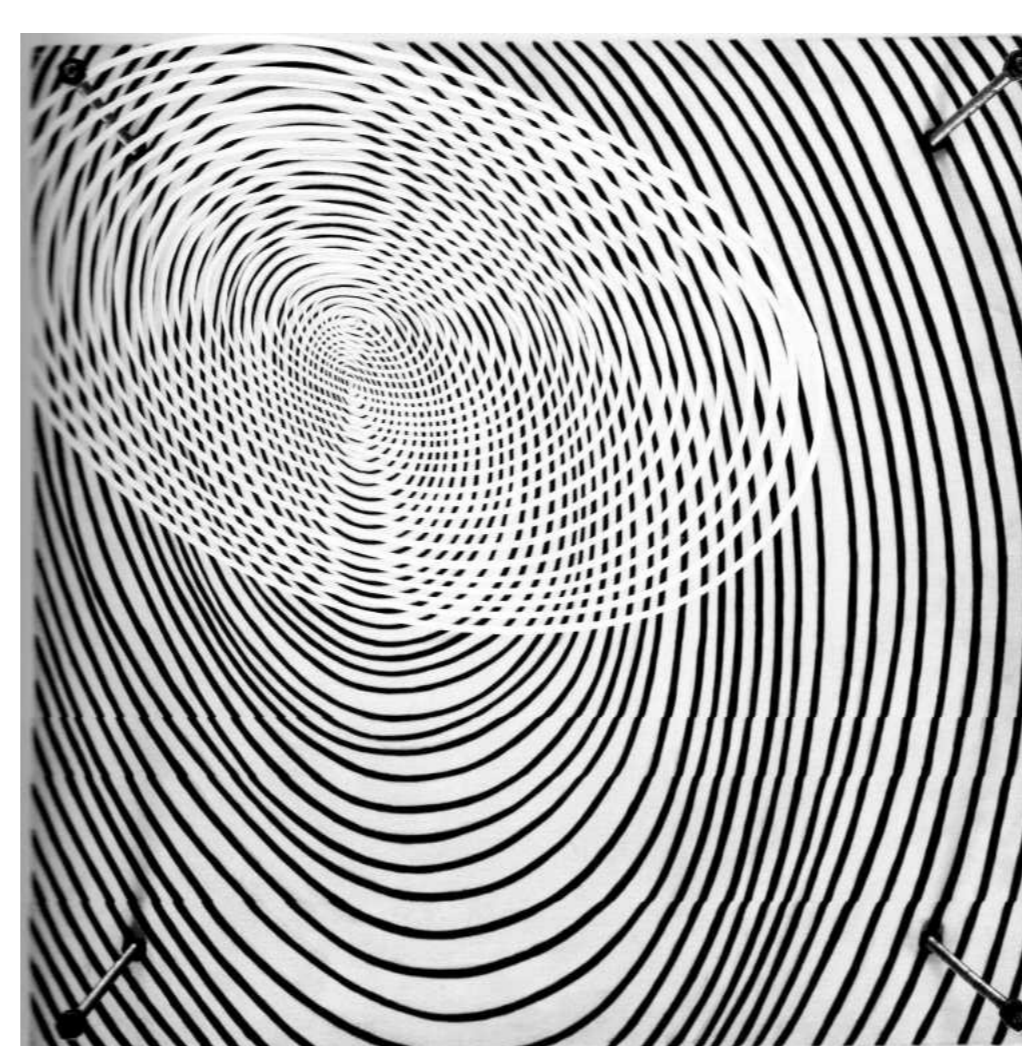
Penetrável, 1992



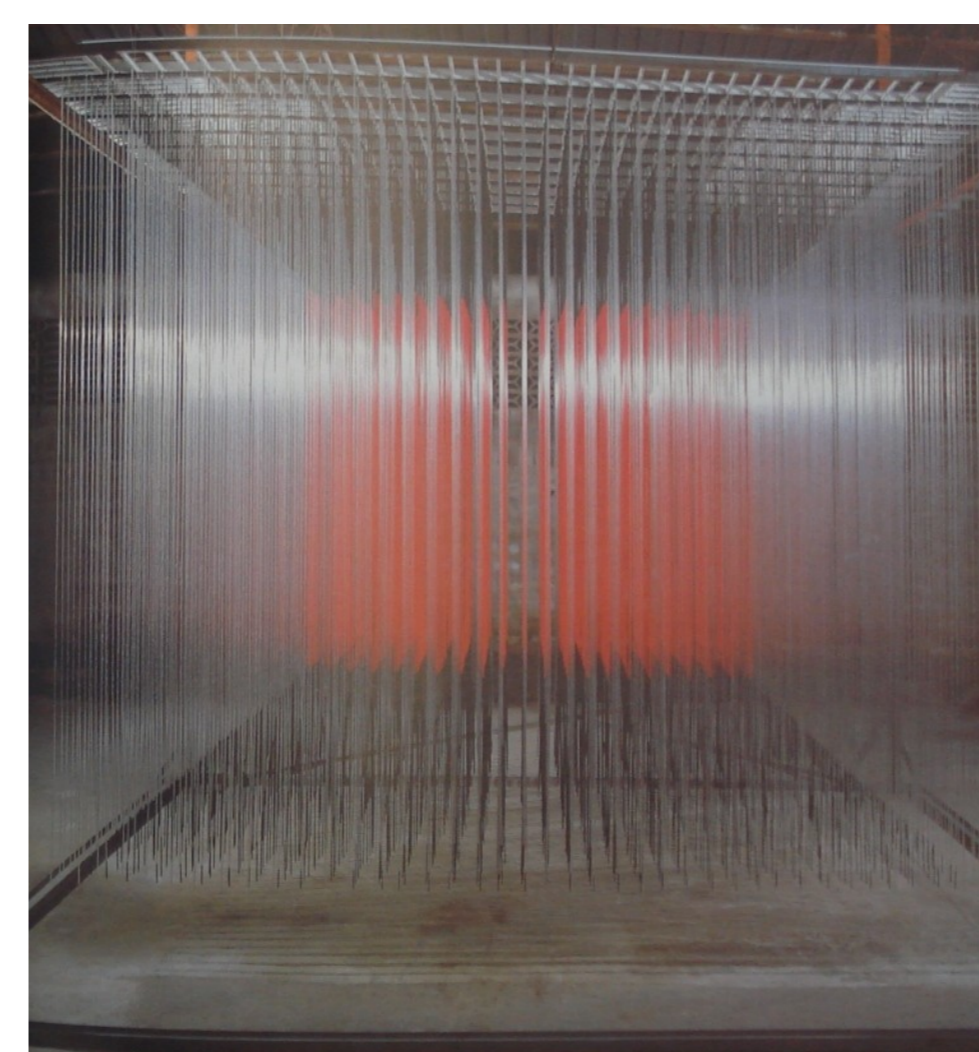
Vibração, 1963



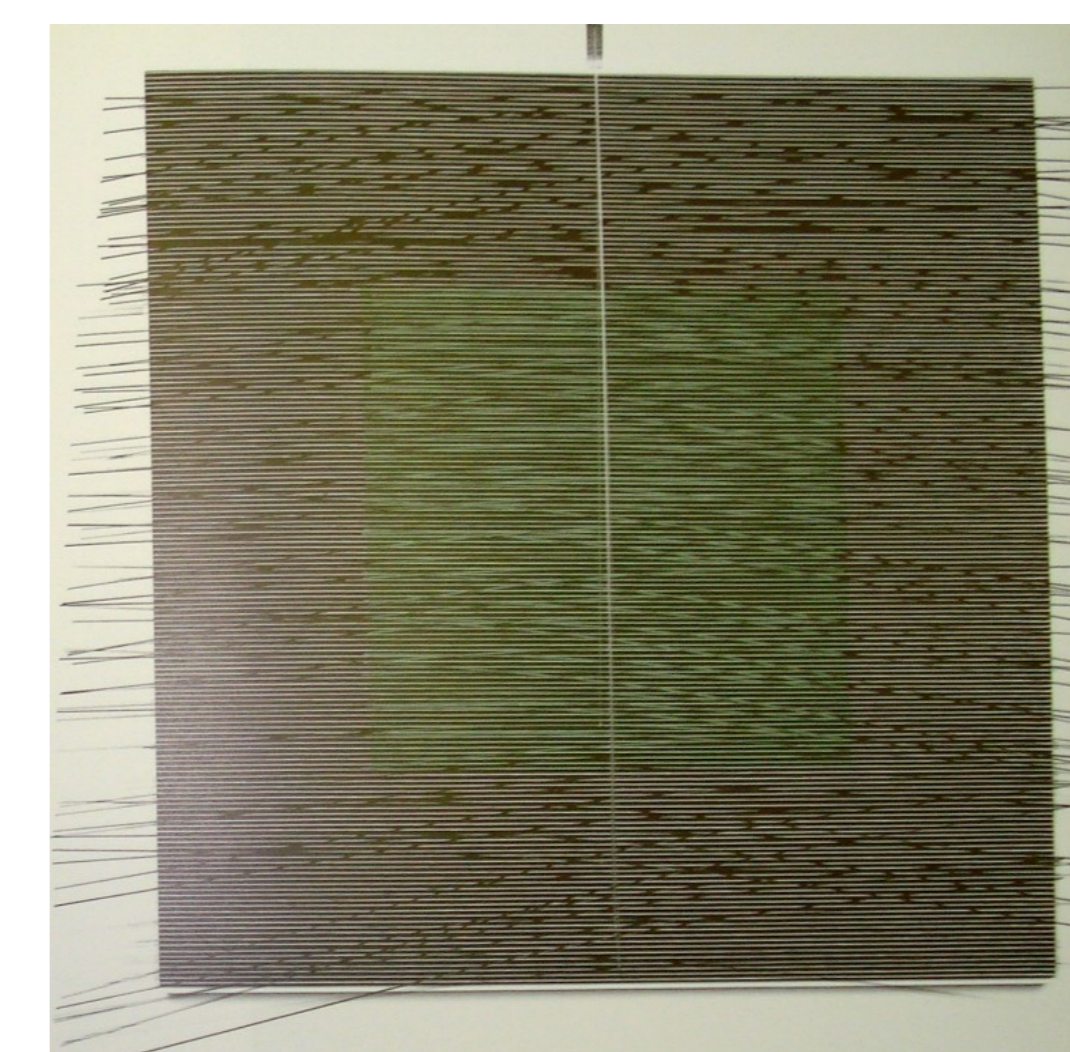
Harmonia Transformável, 1956



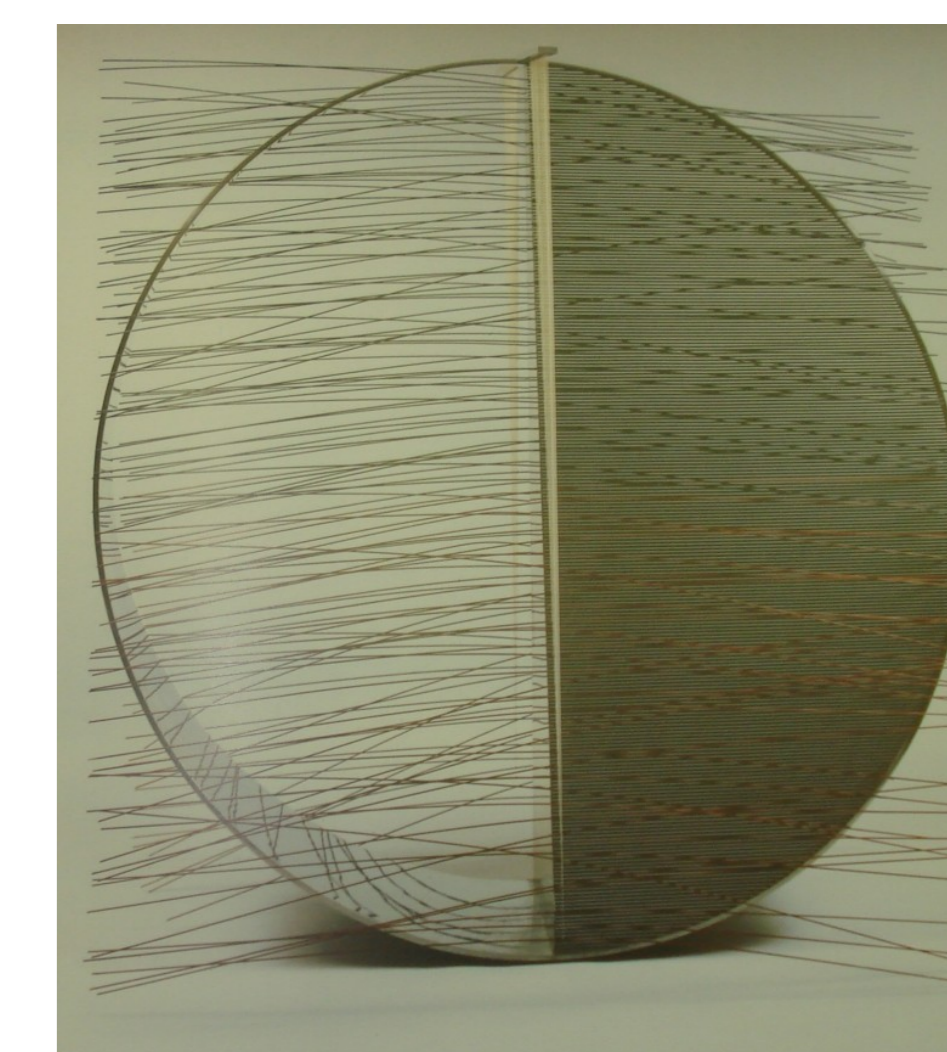
Espiral, 1955



Cubo Penetrável, 1996



Virtual Oliva, 1979



Anel com hastes, 1972



Extensão Amarela e Branca, 1979

Os efeitos óticos, presentes em toda a sua produção a partir da década de 50, ocorre pelo fenômeno conhecido como *efeito moiré*, observado no cruzamento de linhas, em diferentes planos, quando o espectador se desloca diante da obra. O caráter vibratório de seus trabalhos leva-o ao rompimento com o plano tradicional e à desmaterialização do objeto sólido, estabelecendo uma nova relação entre figura e fundo, e entre o plano virtual que emerge dos dois anteriores. A obra não se completa sozinha, mas necessita da ação do observador para sua apreensão.

São obras desse caráter que comparecem em seis edições das Bienais Internacionais de São Paulo (IV, V, VII, XXII, XXIII, XXIV). As participações de Soto em cada uma das Bienais são distintas, nas três primeiras (1957, 1959 e 1963) ele acompanhava a delegação venezuelana, representando a arte vigente em seu país naquele momento, muito embora não residisse há alguns anos na Venezuela. Já nas três últimas edições de que participou (1994, 1996 e 1998), Soto é convidado pelo curador da mostra, e integra salas especiais ou sessões específicas de acordo com o tema proposto. Sua participação nesse período se torna portanto autônoma e desvinculada de uma produção local/nacional. Porém, o seu prestígio diante da mostra e do público é o mesmo em todas as suas participações, a prova é o Prêmio Aquisição que ele recebe na VII Bienal de São Paulo (1963), pela sua obra *Vibração*, hoje parte do acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

No decorrer de sua carreira, Soto torna-se um figura fundamental para a arte cinética, criando uma espécie geometria dinâmica e novas maneiras de ativar a sensibilidade do público, caminhando sempre para um maior refinamento e sutileza nas suas experimentações. Compartilha assim de uma vertente construtiva latino-americana, da qual fazem parte artistas brasileiros como Lygia Clark, Hélio Oiticica, e Sérgio Camargo.

Resultados e Discussões:

Jesús Soto nasce em 1923 em Ciudad Bolívar, na Venezuela, e após demonstrar interesse pela arte ainda na infância, ingressa, em 1942, na Escola de Belas Artes de Caracas, onde toma os primeiros contatos com a arte moderna. Porém, não é em seu país natal que o artista desenvolve sua produção. Soto deixa a Venezuela e estabelece-se em Paris no início da década de 1950, onde reside até sua morte. É na Europa que ele realiza pesquisas de cunho abstrato geométrico, juntamente com outros artistas, na sua maioria estrangeiros, apoiados pela galeria Denise René.

O resultado desses estudos e experimentações leva-o à arte cinética, tendência que trabalha com questões relacionadas a movimento, espaço, tempo e transformação da obra perante o público. A produção de Soto envolve obras que integram materiais diversos explorados ao extremo, como arames e filetes metálicos, plexiglás, tinta e madeira, aliados a ideias de repetição, sobreposição de planos, mas principalmente, à vibração.